



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM LINGUÍSTICA

RELATÓRIO CIENTÍFICO

Relatório Final

FAPESP Processo 2013/07897-6

A PARATOPIA CRIADORA DE JANE AUSTEN: UMA AUTORA FEMINISTA?

Aluna: Amanda Aparecida Chieregatti

(4º ano, Bacharelado em Linguística, UFSCar, São Carlos-SP)

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado

Departamento de Letras

São Carlos

2014

Sumário

RESUMO DO PLANO INICIAL	4
RESUMO DO QUE FOI REGISTRADO NO RELATÓRIO PARCIAL	5
Objetivo geral	6
Objetivos específicos	6
RESUMO DO QUE SE REGISTRA NO RELATÓRIO FINAL	7
Participação em atividades acadêmicas	7
Participação em Grupo de Pesquisa	7
DESENVOLVIMENTO DO RELATÓRIO FINAL	8
Análise da instância inscritor	10
Análise da instância escritor	18
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
SOBRE O DESEMPENHO ACADÊMICO E OUTRAS ATIVIDADES.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
SITES:	37

RESUMO

Partindo do quadro teórico da Análise do Discurso de linha francesa e, com base nos estudos sobre paratopia criadora apresentados por Dominique Maingueneau (2006), focalizamos três obras da autora inglesa Jane Austen (1775 – 1817), *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818), observando o funcionamento da autoria e analisando a leitura contemporânea dessas obras, que as refere como pertencentes ao discurso feminista. Tendo em vista o contexto social e histórico da Inglaterra do século XIX, abrangendo a primeira onda feminista que lidou majoritariamente com o sufrágio das mulheres, direitos trabalhistas e educacionais, que se desenrolava na época, e a Revolução Industrial e as guerras napoleônicas, procuramos apontar no discurso literário traços que permitem a leitura feminista que caracteriza a recepção de sua obra. A autora, sempre crítica à sociedade inglesa oitocentista, é aclamada ainda hoje pela descrição que faz da sociedade rural britânica, assim como pela força de sua narrativa e pela interação entre as personagens, destacando o que podemos chamar de “identidade feminina” por meio da criação de personalidades obstinadas, independentes e ousadas, que, contrariando a cultura em que estavam inseridas, não se deixavam pressionar pela busca de estabilidade por meio de um bom casamento. Mesmo dois séculos após a morte da autora e a publicação de seus romances, a obra de Jane Austen segue sendo considerada atual, é objeto de estudo e fóruns diversos, reunindo acadêmicos e fãs interessados todos em colocar em pauta suas personagens. Abordamos aqui mais detidamente essa problemática da recepção, examinando costumes e hábitos não-escriturísticos que afetam a produção autoral, constituindo a autoria. O modelo teórico-metodológico de levantamento dos semas constitutivos desse funcionamento está apoiado sobre as três instâncias constitutivas da dinâmica paratópica, que se relacionam dinamicamente – escritor, inscritor e pessoa – de forma que tanto os elementos internos aos textos como os externos se mostram indissociáveis na constituição da obra literária.

Palavras-chave: Discurso literário; Paratopia criadora; Análise do discurso; Jane Austen

RESUMO DO PLANO INICIAL

A seguir, esboçaremos um resumo do plano inicial de nossa proposta de pesquisa, apresentada como requisito para a concessão da bolsa de Iniciação Científica FAPESP.

O presente trabalho focaliza três obras da autora inglesa Jane Austen (1775 – 1817), *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818), observando o funcionamento da autoria segundo o conceito de *paratopia criadora* proposto por Dominique Maingueneau (2006) e analisando a leitura contemporânea dessas obras, que as refere como pertencentes ao discurso feminista.

Na última década, mesmo passados dois séculos da morte de Jane Austen, sua obra tem sido muito comentada e ganhou uma variedade de derivações como filmes, seriados e incontáveis releituras, como se seus escritos houvessem sido redescobertos recentemente. Mas não é exatamente o caso, pois as famosas obras de Austen ganham adaptações desde a década de 1930. Então, interessa-nos pôr em relevo esta questão: qual o motivo de toda a comoção em torno dos romances da autora nos últimos anos?

Além de adaptações cinematográficas e televisivas das obras de Austen, e também documentários e filmes sobre a vida da escritora, a circulação de Jane Austen tem uma abrangência ainda maior, suscitando a realização de festivais anuais em homenagem à autora, jogos de videogame ambientados na Inglaterra e contando com a presença de seus personagens mais importantes. Estes são apenas alguns exemplos do modo como Jane Austen e suas obras circulam nos dias atuais, não se limitando apenas a seus escritos.

Com essa orientação, o objetivo deste relatório é apresentar não apenas a análise das três obras referidas anteriormente como foco, à procura de traços que possam ser entendidos como pertencentes ao discurso feminista, mas também analisar dados pertencentes ao corpus ampliado durante a pesquisa, formado por dados biográficos e referentes à recepção contemporânea da obra – incluem-se aqui releituras, adaptações cinematográficas e televisivas, bem como a apropriação dos textos de Austen em debates feministas.

Assim, a perspectiva discursiva com que delimitamos esse conjunto de dados tem como finalidade observar na escrita e na circulação da escrita de Austen o que parecem ser indícios de defesa do direito das mulheres de seu tempo, ainda que a autora não explicitasse uma opinião, considerando a hipótese de que as mudanças históricas

ocorridas nos dois séculos transcorridos desde a produção dessa obra é o que nos faz lê-las como uma crítica feminista à sociedade patriarcal. Procurando compreender de que modo as obras de Austen circulam no século XXI, e como a conjuntura deste século delimita certos tipos de leitura, interessa-nos investigar o que faz de Austen uma autora tão atual a ponto de mobilizar grupos de estudo (não necessariamente acadêmicos) a se reunirem todo ano para colocar em debate assuntos apresentados nas obras da autora. Austen publicou apenas quatro romances em vida, morreu jovem, aos 41 anos, deixando um legado literário que impulsionou o romance inglês para a modernidade ao defender a liberdade feminina e tratar o simples cotidiano com uma sutil ironia.

RESUMO DO QUE FOI REGISTRADO NO RELATÓRIO PARCIAL

Os seis primeiros meses desta Iniciação à Pesquisa foram dedicados às seguintes atividades:

- aprofundamento teórico através da leitura e fichamento da bibliografia básica e leituras coletivas no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunica – inscrições linguísticas na comunicação (ANEXO II) ;
- constituição de parte do *corpus* através do levantamento de dados biográficos da autora Jane Austen, considerando o modo como são postos à disposição do público, bem como a circulação das adaptações televisivas e cinematográficas de suas obras;
- primeiras análises do corpus, mobilizando o conceito de paratopia criadora com o intuito de entender o funcionamento da autoria no caso dessa escritora;
- levantamento de trechos do material literário que indiciam a perspectiva feminista e da recepção de um dos títulos a serem analisados ao longo desta pesquisa, seguindo a ordem cronológica de publicação: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818);
- esboço da análise;
- participação em eventos com apresentação de trabalho na modalidade “pôster”.

Nessa etapa, refletimos sobre o funcionamento da autoria de Jane Austen, mais precisamente no primeiro título que nos propomos analisar, *Razão e Sensibilidade* (1811), considerando a proposta teórica para estudo da autoria: a *paratopia criadora*

formulada por Dominique Maingueneau (principalmente 2006). Abordando os costumes e hábitos não-escriturísticos que, segundo essa perspectiva teórica, afetam a produção textual, exploramos o seu funcionamento, levando em conta as relações entre as três instâncias constitutivas da *paratopia criadora: escritor, inscritor e pessoa*.

Abordamos, neste trabalho, a obra de Austen na perspectiva de um discurso literário, segundo Maingueneau (2006) um *discurso constituinte*; assim, no Relatório Parcial, apresentamos mais detidamente o que Maingueneau define como discurso literário, discurso constituinte e paratopia criadora¹.

Além disso, uma vez que buscamos compreender a presença do nome da autora oitocentista em discussões feministas atuais, expusemos um breve resumo sobre o feminismo e uma biografia de Jane Austen que aborda o contexto social em que a autora viveu e em que concebeu sua obra.

Após apresentar o que acreditamos ser, em princípio, a paratopia criadora de Jane Austen, observando traços biográficos e a circulação de sua obra mesmo dois séculos após sua morte (conforme se pode verificar nos dados das tabelas em anexo), procuramos, então, analisar a *inscrição* de Jane Austen, mais especificamente no primeiro título que nos propomos a analisar, *Razão e Sensibilidade* (1811), apontando traços que talvez possam justificar a presença do nome da autora em debates feministas. Esses traços podem ocorrer em diálogos críticos ou no comportamento inadequado ao período de determinadas personagens.

Objetivo geral

Estudar o funcionamento da autoria de uma perspectiva discursiva, examinando o que se identifica como um discurso feminista em uma expressão literária.

Objetivos específicos

- Identificar traços linguístico-discursivos que permitem referir como *discurso feminista* a obra literária de Jane Austen;
- Examinar relações entre obra e sociedade, entre escritor e sociedade e entre escritor e obra com vistas a compreender de que modo essas relações instituem a autoria.

¹ Cf. Relatório Parcial, p. 7.

RESUMO DO QUE SE REGISTRA NO RELATÓRIO FINAL

Esta segunda etapa do projeto de Iniciação Científica corresponde ao Relatório Final e registra as seguintes atividades, em continuidade ao que foi apresentado no Relatório Parcial:

- Análise dos dados colhidos com base no objetivo geral e nos específicos;
- Considerações sobre os resultados.

Participação em atividades acadêmicas

- Colóquio da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED BRASIL), realizado na UFSCar, em São Carlos, nos dias 29, 30 e 31 de maio de 2014, com apresentação de trabalho na modalidade pôster (ANEXO III); o painel segue anexado em “elaborar relatório científico”, “outros documentos” na plataforma SAGE;
- 62º Seminário do Gel (Grupo de Estudos Linguísticos), realizado na Unicamp, em Campinas, nos dias 30 de junho, 01, 02 e 03 de julho, com apresentação de trabalho na modalidade pôster (ANEXO IV); o painel segue anexado em “elaborar relatório científico”, “outros documentos” na plataforma SAGE;

Participação em Grupo de Pesquisa

O grupo de estudos COMUNICA – inscrições linguísticas na comunicação, que existe desde 2010, deu origem, em setembro de 2012, ao Grupo de Pesquisa Comunica (CNPq). Entre minhas atribuições, além do desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica, estão a organização e apresentação do painel do grupo de estudo Comunica no III Seminário de Produção em Linguística, que acontecerá entre 01 e 03 de outubro de 2014 no Departamento de Letras da UFSCar, no qual atuarei como monitora.

Desse modo, progredindo no desenvolvimento da pesquisa, aprofundaremos as análises feitas até aqui, a partir do quadro teórico detalhado no Relatório Parcial.

DESENVOLVIMENTO DO RELATÓRIO FINAL

Para o desenvolvimento da pesquisa, consideramos a teoria de base do Projeto Regular: a *paratopia criadora* proposta por Dominique Maingueneau, que é uma dinâmica que se estabelece entre as três instâncias que forjam uma unidade autoral e que só existe “mediante uma atividade de criação e de enunciação.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 109). Temos na *paratopia criadora* um conjunto de três instância constitutivas da autoria. São elas: *pessoa*, *escritor* e *inscritor*.

Como apresentado no Relatório Parcial², as instâncias indissociáveis e interdependentes, constitutivas da autoria são: “a instância *pessoa*, o autor enquanto indivíduo, enquanto membro de uma família e de um círculo social, que se reúne ou não com amigos; a instância *escritor*, que se refere à circulação da obra, aquilo a que Maingueneau dá o nome de “modo de difusão”, que “vai de mãos dadas com o modo de consumo do discurso, isto é, com o que se ‘faz’ dos textos, como eles são lidos, manipulados...” (MAINGUENEAU, 2008, p. 134); e a instância *inscritor*, que engloba os ritos genéticos, isto é “o conjunto de atos realizados por um sujeito em vista de produzir um enunciado” (MAINGUENEAU, 2008, 132), ou seja, tudo o que o autor, enquanto produtor de uma escrita, mobiliza na constituição de sua obra, o fato de a obra ser publicada anonimamente ou não, sob pseudônimo ou não, bem como todos os ritos editoriais dispensados a ela.” (Cf. Relatório Parcial, p. 9)

No que se refere às três obras de Jane Austen analisadas nesta pesquisa, *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818), apontamos para uma forte influência da instância *pessoa*, que se refere aos dados biográficos da autora, na recepção contemporânea de suas obras. O fato de sua obra ter emergido de um contexto histórico e social em que a literatura popular era considerada perigosa para a mente das jovens, e, tendo publicado seus esses livros sob pseudônimo, permite que Jane Austen seja vista, hoje, com admiração por ter sido “uma mulher à frente de seu tempo”.

Diante disso, entendemos que a circulação massiva de suas obras, bem como de muitos outros artigos derivados, se deve principalmente ao que se diz sobre Austen e seus livros e não propriamente ao que a autora *diz* em seus textos. Além da constante reedição de cada um de seus romances, o fenômeno envolvendo o nome da autora abrange também artigos colecionáveis. É possível encontrar Jane Austen em pequenas

² Cf. Relatório Parcial, principalmente pp. 8-9.

bonecas decorativas, em *action figures* (que, por definição, são personagens de narrativas, geralmente de filmes, de video-games, e de programas de televisão, não de autores como no caso de Jane Austen), curativos decorados com trechos de seus livros ou sua caricatura, coleções para escrita compostos por pena, tinteiro e sinetes personalizados, roupas do período regencial inglês, entre várias outras tipos de peças.

Suas obras continuam a ser adaptadas e readaptadas, a exemplo disso, citamos o espetáculo musical feito com base em *Persuasão* (de 1818), pela companhia profissional de ópera sem fins lucrativos Chamber Opera Chicago, que tem estréia prevista para junho deste ano em Chicago.

Após as análises realizadas no Relatório Parcial³, observamos que a instância *inscritor* da autoria de Jane Austen, ou seja, a textualização propriamente dita, embora apresente críticas sociais dosadas de ironia, não pode ser, por si só, denominada como feminista, e não é suficiente para explicar a longevidade de suas obras ou o fenômeno de produções derivadas envolvendo o nome da autora nos últimos anos.

Um exemplo do modo como a ironia se manifesta nas obras de Austen, é apresentado a seguir um trecho de *Razão e Sensibilidade* (1811) em que, mais uma vez, a autora critica o fato de o matrimônio – um assunto bastante presente nos enredos de Austen – ser considerado apenas um negócio e critica, ainda, o fato de a mulher não poder nem ao menos opinar. O casamento é combinado de acordo com o status social e as posses dos noivos:

- Estamos pensando agora – disse o sr. Dashwood, depois de uma breve pausa – em casar Robert com a srta. Morton.
- Elinor, sorrindo diante do tom grave e firme do irmão, respondeu tranquilamente:
- Pelo que vejo, a mulher não tem voz no capítulo.
- Voz no capítulo! Que quer dizer com isso?
- Só quero dizer que me parece, pelo seu jeito de falar, que deve ser indiferente para a srta. Morton casar-se com Edward ou Robert.
- Certamente não pode fazer nenhuma diferença, já que Robert agora passa a ser considerado, para todos os efeitos, o promogênito. No que se refere a tudo o mais, são ambos rapazes muito agradáveis: não acho que um seja superior ao outro. (*Razão e Sensibilidade*, p. 357)

O fato de Elinor, ainda que contrariada, sorrir diante da afirmação do irmão e lhe “responder tranquilamente”, são pequenos traços da ironia de Austen. Mais implicitamente, porém, a última fala do sr. Dashwood evidencia uma forte crítica ao que parecia ser o comportamento adequado da mulher no período, o de total resignação ao funcionamento social no que se refere à escolha de um marido. Desde que Robert seja

³ Cf. Relatório Parcial, principalmente pp. 27-35.

considerado o primogênito, a srta. Morton não haveria por que se importar com a mudança de pretendente. Embora, pelo falso sorriso de Elinor e sua sutil crítica ao irmão, ele ressalta o que poderia ser o senso comum da época.

Todo discurso é elaborado no interior de comunidades discursivas, assim, não podemos supor que, após o movimento feminista (Cf. Raltório Parcial, pp. 10-15) e a disseminação das ideias e ideais do feminismo, algo anterior ao período que trate da problemática de gênero seja lido de outra forma senão sob a ótica desse discurso, ou pelo menos afetado por ele, em co-ocorrência no interdiscurso. É o que ocorre com a circulação da obra de Austen:

(...) o discurso não pode convencer, já que não se pode mostrar uma exterioridade entre o código de referência e as interpretações dos discurso que se fundam nele. O público não é convencido pelos argumentos expressos, mas pela própria enunciação desses argumentos por tal discurso, isto é, pelo universo de sentido ao qual remete este último. Coerentemente, o discurso convence porque ia pela nossa cabeça o que já convencia, mais ou menos obscuramente. (MAINGUENEAU, 2008, p. 113)

A autora escreveu sobre as fraquezas humanas, criticou a organização social em que vivia e, através de suas personagens centrais, retratou de forma marcante exemplos de dedicação feminina à manutenção dessa organização social. E a construção de personagens irônicas e críticas permite que suas histórias sejam lidas por um viés feminista que, na realidade, não é constitutivo delas, se consideramos que foram elaboradas em momento histórico anterior a qualquer movimento organizado sob a rubrica “feminista”.

Assim, apontamos para o fato de que a autoria de Jane Austen, no que se refere às três instâncias constitutivas da paratopia criadora – *pessoa, escritor e inscritor* – ocorre principalmente em função da instância *escritor*, e é o que apresentaremos mais adiante neste Relatório.

Análise da instância inscritor

Apresentamos no Relatório Parcial alguns trechos de *Razão e Sensibilidade* (1811) em que identificamos críticas ao papel social da mulher na Inglaterra entre o final do século XVIII e início do XIX, bem como o papel do casamento. O comportamento inadequado da personagem Marianne é, talvez, a maior crítica.

Trechos semelhantes podem ser encontrados nos outros dois títulos que nos propusemos a analisar nesta pesquisa, *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818). O fato de Elizabeth Bennet⁴ ter recusado não uma, mas duas propostas de casamento em uma época em que o matrimônio era uma das poucas, se não a única maneira de uma jovem sem posses garantir uma vida confortável para si e para a família, e, também, o comportamento pouco comedido da caçula Lydia Bennet, que com dezesseis anos ainda não completados, não hesita em flertar com praticamente todos os oficiais do regimento presente em Meryton, são alguns dos pontos nos quais a crítica de Austen parece mais proeminente.

Entretanto, não precisamos ir longe em *Orgulho e Preconceito* para perceber a forte crítica de Austen aos costumes da época, principalmente no que se refere ao único papel social delegado à mulher: o de esposa. Na primeira frase do livro, através da ironia a autora apresenta a situação das famílias que tinham jovens solteiras entre o final do século XVIII e início do XIX, cujo objetivo principal era conseguir bons casamentos – financeiramente falando – às filhas.

É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa. Por menos conhecidos que sejam os sentimentos ou as ideias de tal homem ao entrar pela primeira vez em certo lugarejo, tal verdade está tão bem arraigada na mente das famílias que o rodeiam, que ele vem a ser considerado propriedade legítima de uma ou outra de suas filhas. (*Orgulho e Preconceito*, p. 9)

No trecho transcrito acima, a ironia está no fato de a autora apresentar uma informação invertida, ou seja, não é um homem solteiro e rico que precisa de uma esposa, como fica claro no desenrolar do romance, mas, sim, a mulher, em seu papel vulnerável na sociedade inglesa que necessita casar-se, de preferência com um homem de posses. Daí o papel salvador do matrimônio. Não para os homens ricos, mas para as jovens solteiras sem perspectivas de renda.

Ao longo do livro, diversos diálogos enfatizam ainda mais a importância do casamento, principalmente em diálogos da personagem sra. Bennet, mãe de cinco jovens solteiras e nenhum filho homem que possa herdar a propriedade da família⁵. No trecho abaixo, através do diálogo entre o sr. E e a sra. Bennet, há a desconstrução da

⁴ Protagonista feminina de *Orgulho e Preconceito*.

⁵ Como apresentado no Relatório Parcial, no período em que as obras de Austen são ambientadas, as mulheres não tinham direito a herança, ficando assim à mercê da boa vontade e caridade de parentes ou vivendo com algumas poucas libras economizadas ao longo da vida.

ironia construída na passagem anterior, deixando clara a necessidade desesperada da sra. Bennet em casar as filhas:

- Ah! Solteiro, meu querido, com toda a certeza! Um rapaz solteiro e de muitas posses; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para as nossas meninas!
- Como assim? Que tem isso a ver com elas?
- Meu querido sr. Bennet – tornou a mulher –, como você é enjoado! Já devia ter entendido que estou pensando em casá-lo com uma delas. (*Orgulho e Preconceito*, p. 10)

Em um diálogo entre Elizabeth Bennet e a amiga Charlotte, conhecemos opiniões distintas acerca do matrimônio: enquanto Elizabeth deseja para ela e as irmãs um casamento feliz, firmado primeiramente por sentimentos recíprocos, a amiga, já com seus 27 anos – idade considerada avançada para uma mulher solteira – vê o casamento como um contrato, um acordo de benefícios mútuos:

- Seu plano é bom – replicou Elizabeth –, e nele tudo gira ao redor do desejo de conseguir um bom casamento; se eu estivesse decidida a conquistar um marido rico, tenho certeza de que o adotaria.(...)
- Bom – disse Charlotte –, (...) A felicidade no casamento é questão de pura sorte. Se os modos de ser de um e de outro forem bem conhecidos com antecedência ou até se forem muito semelhantes, isso pouco importa para a felicidade do matrimônio. As diferenças se acentuam com o tempo até se tornarem insuportáveis; e é melhor conhecer o mínimo possível dos defeitos da pessoa com quem teremos que passar a vida. (*Orgulho e Preconceito*, p. 33)

Reafirmando a ideia do casamento como um contrato, mais baseado em um acordo financeiro do que em sentimentos, mais adiante na narrativa, o próprio sr. Bennet argumenta: “Quero dizer que nenhum homem no uso de suas faculdades mentais se casaria com Lydia atraído por míseras cem libras por ano enquanto eu viver, e cinquenta depois que eu morrer.” (*Orgulho e Preconceito*, p. 369). Além de o matrimônio ser um contrato previamente acertado entre o cavalheiro interessado e o pai da senhorita, o pai da moça tinha que pagar um valor mensal ao genro.

Em determinado trecho do livro, a autora enfatiza que a única preocupação de uma jovem solteira em um baile é não ser convidada para dançar e, enquanto as caçulas Bennet compartilham dessa preocupação, Elizabeth, por ter sido desdenhada em uma ocasião anterior, se recusa veementemente a dançar com sr. Darcy – ironicamente, um jovem solteiro e extremamente rico:

- (...) E, tomando a mão dela, fez o gesto de dá-la ao sr. Darcy, que, embora extremamente surpreso, não estava disposto a recusá-la, quando ela bruscamente lhe deu as costas e disse a sir William em tom alterado:

- Meu senhor, realmente não tenho a menor intenção de dançar. Rogo-lhe que não pense que passei por esses lados em busca de um par.
Com grave elegância, sr. Darcy pediu que lhe fosse dada a honra de sua mão, mas em vão. Elizabeth estava decidida; nem sir William a abalou em seu propósito com suas tentativas de convencê-la. (*Orgulho e Preconceito*, p. 37)

Entretanto, em uma outra ocasião em que uma dança com o sr. Darcy é inevitável, Elizabeth não faz questão de ser o exemplo de delicadeza feminina:

(...) Caindo rapidamente em si, porém, ele se voltou para seu par e disse:
- A interrupção de sir William fez-se esquecer sobre o que conversávamos.
- Não acho que estivéssemos conversando. Sir William não poderia ter interrompido duas pessoas na sala com menos coisas para dizerem uma à outra. Já tentamos dois ou três assuntos, sem êxito, e, sobre o que vamos falar em seguida, não posso sequer imaginar. (*Orgulho e Preconceito*, p. 122)

Mais adiante, há uma crítica ao comportamento esperado de uma dama. Com a irmã doente hospedada em Netherfield, Elizabeth caminha três ou quatro milhas para visitá-la e saber a real situação de sua saúde, entretanto, para a srta. Bingley, jovem de uma família rica, tal atitude “revela um tipo detestável de independência e presunção, uma provincianíssima indiferença ao decoro” (*Orgulho e Preconceito*, p. 49). Assim, concluímos que o comportamento ou mesmo a personalidade de uma mulher não deve ser, de modo algum, independente.

No geral, a família Bennet é um prato cheio no que se refere a comportamentos deselegantes e inadequados, não apenas a sra. Bennet, que o tempo todo se comporta de forma vulgar, verbalizando seu interesse – e desespero – em casar as filhas com “bons partidos”, as caçulas Bennets, Lydia e Kitty estão sempre se comportando de forma travessa, principalmente a primeira, que protagoniza as maiores gafes, como no trecho transcrito abaixo:

Foram-lhe apresentados outros livros, e, depois de certa deliberação, ele escolheu os Sermões de Fordyce. Enquanto ele abria o livro, Lydia começou a bocejar e, antes que ele tivesse, com monotoníssima solenidade, lido três páginas, interrompeu-o dizendo:
- Sabe, mamãe, que o tio Philips está falando em despedir o Richard? E, se fizer isso, o coronel Forster quer contratá-lo. Titia me contou isso no sábado.
(...) (*Orgulho e Preconceito*, p. 92)

Ao ser pedida em casamento pelo primo, sr. Collins, o único herdeiro da propriedade da família Bennet, Elizabeth, além de recusá-lo, precisou controlar-se para não cair na gargalhada: “A ideia de sr. Collins, com toda a sua solene compostura, ser arrastado pelos sentimentos levou Elizabeth a tal proximidade da gargalhada, que não conseguiu prosseguir com nenhuma tentativa de detê-lo durante a breve pausa que ele

fez.” (*Orgulho e Preconceito*, p. 138). Sr. Collins, sem dúvida, é a personagem mais caricata e alegórica de Austen em *Orgulho e Preconceito*, reunindo diversas características da burguesia inglesa do período:

Tinha ares graves e solenes, e seus modos eram muito formais. Mal chegara e já cumprimentava sra. Bennet por ter tão lindas filhas; (...). Não eram elas os únicos alvos da admiração do sr. Collins. O hall, a sala de jantar e toda a mobília foram examinados com satisfação (...). (*Orgulho e Preconceito*, pp.87-88)

A personagem constantemente demonstra uma exagerada deferência perante sua protetora, lady Catherine, e, com ares de solenidade e importância, está sempre querendo se exhibir diante de todos, tentando demonstrar uma inteligência e cultura que de fato não tem, além de não poupar elogios a todos com o intuito de agradar:

Sr. Collins foi eloquente em seu louvor. O assunto guiou-o a uma solenidade maior do que a de costume, e, com ares de grande importância, protestou que nunca vira tal comportamento em uma pessoa de tão alta condição, tamanha afabilidade e condescendência, como as que observara em lady Catherine. Ela bondosamente aprovou ambos os sermões que ele tivera a honra de pronunciar na sua presença. Ela também o convidara por duas vezes para jantar em Rosings e, ainda no sábado anterior, o chamara para completar a quadrilha do sarau. (...) Dignou-se até a aconselhá-lo a se casar o quanto antes, desde que escolhesse com prudência; visitara-o uma vez em casa paroquial, onde aprovou todas as alterações feitas por ele, e até sugeriu algumas prateleiras do *closet* do andar superior. (*Orgulho e Preconceito*, pp. 89-90)

Embora sr. Collins tenha êxito em suas bajulações, logo garantindo a aprovação de sra. Bennet, aos olhos de Elizabeth e do Sr. Bennet, o comportamento do primo, com todas suas características exageradas, são motivo de secreto divertimento e satisfação, como podemos observar no trecho abaixo, em que o sr. Bennet precisa manter a “perfeita compostura” mesmo com seu divertimento diante da peculiaridade do primo:

As expectativas do sr. Bennet foram plenamente correspondidas. Seu primo era tão extravagante quanto esperava e o ouviu com a mais viva satisfação, conservando ao mesmo tempo a mais perfeita compostura e, exceto algum ocasional olhar a Elizabeth, sem compartilhar com ninguém o seu prazer. (*Orgulho e Preconceito*, p. 91)

Após a recusa, entretanto, sr. Collins não hesita em classificar Elizabeth como inadequada ao papel de sua esposa, alegando que ela possui *falhas de personalidade*: “(...) se ela é realmente cabeça dura e tola, não sei se seria absolutamente uma boa

esposa, desejável para um homem da minha condição, que naturalmente busca a felicidade no matrimônio.” (*Orgulho e Preconceito*, p. 144)

Posteriormente, Elizabeth recebe uma segunda proposta de casamento, desta vez vinda do sr. Darcy, que por sua riqueza e posição social, sem dúvida seria considerado a melhor das opções. Entretanto, por nutrir por ele uma antipatia e pela forma como ele lhe propôs, mais uma vez ela recusa o pedido. Neste ponto, verificamos a crítica social presente na atitude de Elizabeth Bennet:

- (...) É natural que se sinta gratidão, e, se eu pudesse senti-la, eu lhe agradeceria. Mas não posso... Nunca desejei sua afeição, e você certamente a concedeu muito contra a vontade. (...) Os sentimentos que, pelo que você me diz, durante muito tempo o impediram de reconhecer o seu amor não devem ter muita dificuldade em superá-lo depois desta explicação. (*Orgulho e Preconceito*, p. 241)

Já em *Persuasão* (1818), a crítica de Jane Austen pode ser encontrada em trechos como o que segue abaixo, em que se nota o forte desejo de lady Russell de afastar a srta. Elizabeth Elliot da então *divorciada*⁶ sra. Clay. Tal passagem retrata bem o preconceito em relação a uma mulher que decide seguir a vida sem o marido, talvez evidenciando a opinião da própria autora, que se manteve solteira por toda sua curta vida:

Como rapidamente chovem razões para aprovarmos o que queremos! Lady Russel tinha outra excelente razão à mão para estar extremamente contente com a mudança de sir Walter e família para longe da região. Nos últimos tempos, Elizabeth vinha desenvolvendo certa amizade que lady Russell gostaria de ver interrompida. Era com a filha do sr. Shepherd, que, após um casamento infeliz, retornara à casa do pai, com o ônus adicional de dois filhos. Era uma jovem esperta, que conhecia a arte de agradar – pelo menos a arte de agradar em Kellynch Hall, e que conquistara a tal ponto a simpatia da srta. Elliot que já se hospedara na casa mais de uma vez, malgrado tudo o que lady Russell, que a julgava uma amizade totalmente inadequada, tivesse sugerido em termos de prudência e reserva. (*Persuasão*, pp. 24-25)

Como uma crítica ao fato de um homem poder se casar pela segunda vez sem ser alvo de quaisquer críticas ou preconceitos, ao contrário da mulher:

Que lady Russel, de idade e personalidade madura, e de muitas posses, não cogitasse um segundo casamento era algo que não precisava de justificativa ante o público, que tende insensatamente a mostrar mais descontentamento quando a mulher torna a se casar do que quando não se casa novamente, mas o fato de sir Walter permanecer solteiro é algo que exige explicação. (*Persuasão*, p. 12)

⁶ Usamos aqui a palavra “divorciada” por falta de uma melhor, uma vez que o divórcio ainda não existia no período, e a personagem em questão, mesmo tendo se casado, retorna à casa do pai trazendo consigo dois filhos pequenos e deixando à imaginação o paradeiro do marido.

Uma vez que a mulher precisa se esforçar para conseguir um bom casamento, a situação definidora de um “bom partido” é, sem dúvida, a condição financeira do cavalheiro. Na passagem abaixo, Charles, marido de Mary Elliot, a mais nova das irmãs Elliot, esclarece que um homem é julgado por aquilo que possui, pelo que tem a oferecer em um matrimônio, ao ressaltar as vantagens da irmã Henrietta em se casar com Charles Hayter, que tem grandes chances de ser indicado como reverendo da propriedade Winthrop:

- Concordo com você que qualquer outro deles, exceto Charles, seria um partido lastimável para Henrietta, algo realmente a se evitar, mas ele é o único plausível. Ele é, porém, um ótimo sujeito, de excelente índole, e assim que Winthrop cair em suas mãos, ele vai transformar aquilo num lugar muito diferente e viver ali de outro modo. Com tais propriedades, ele jamais será um homem desprezível... trata-se de propriedade boas, desimpedidas. (*Persuasão*, p. 97)

Em determinada passagem, em um diálogo com o capitão Harville, a protagonista Anne Elliot defende que não faz parte da natureza feminina esquecer um amor facilmente, e critica o papel social da mulher, argumentando:

- Acho, sim. Certamente não os esquecemos tão rapidamente como vocês nos esquecem. Talvez seja mais nosso destino do que nosso mérito. Não podemos evitá-lo. Vivemos em casa, caladas, trancadas, vítimas de nossos próprios sentimentos. Vocês são forçados à ação. Sempre têm uma profissão, objetivos, afazeres de um tipo ou de outro que os trazem imediatamente de volta ao mundo, e a ocupação e a mudança contínuos logo desbotam as impressões. (*Persuasão*, pp. 279-280)

Pouco tempo depois, ainda dialogando com o capitão, Anne resalta as diferenças entre a educação masculina e a feminina:

- (...) Se eu tivesse a memória de Benwick, poderia dar-lhe rapidamente cinquenta citações a meu favor, e acho que jamais abri um livro na vida que não tivesse algo a dizer sobre a inconstância das mulheres. Canções e provérbios falam todos da volubilidade feminina. Mas talvez você vá dizer que todos eles foram escritos por homens.

- Talvez eu dissesse. Sim, sim, por favor, nada de referências a livros. Os homens tiveram todas as vantagens contra nós, ao contarem sua própria história. Tiveram sempre uma educação muito superior, a pena estava em suas mãos. Não admito que os livros provem coisa nenhuma.

- Mas como provaremos alguma coisa?

- Jamais provaremos nada. Não é de se esperar que se possa provar alguma coisa numa questão como essa. É uma diferença de opinião que não admite prova. Todos nós, provavelmente, começamos com certa parcialidade a favor de nosso próprio sexo, e nessa parcialidade fundamos todas as circunstâncias favoráveis a ela que aconteceram em nossa própria esfera. Muitas dessas circunstâncias (talvez justamente aquelas que mais nos impressionam) podem

ser exatamente aquelas que não podem ser reveladas sem trair um segundo ou de alguma forma dizer o que não se deveria dizer. (*Persuasão*, pp. 281-282)

No excerto transcrito acima, podemos pensar que Jane Austen pudesse estar falando de sua própria condição: o fato de escrever em um período em que a literatura era predominantemente feita por homens; o fato de ter recebido sua educação em casa enquanto os irmãos frequentaram escolas. Além disso, no trecho em que a protagonista Anne Elliot fala sobre “dizer o que não se deveria dizer”, podemos relacionar com a própria escrita da autora, que carrega muitas críticas dirigidas à sociedade de sua época.

Das três obras analisadas, a que menos apresenta trechos que façam críticas ao papel social da mulher é *Persuasão* (1818), entretando, por conta de todo o enredo, o fato de a personagem Anne Elliot, anteriormente persuadida a abrir mão de um grande amor, a abdicar da própria felicidade para preservar o nome e o status da família, anos depois estar convicta de que tal situação jamais se repetiria, mostra o crescimento da personagem e talvez o amadurecimento da própria autora.

Ainda nos referindo à instância *inscritor* que compõe a autoria, lembramos que no Projeto Regular apontamos para o fato de estarmos trabalhando com a tradução das obras estudadas, isso porque, se pensarmos em todos os processos editoriais pelos quais a obra passou, dentre eles a própria tradução, há de se concordar que uma tradução ruim, com problemas de calcos, por exemplo, pode arruinar uma obra fazendo com que não circule, com que não seja bem recebida. No caso de Jane Austen, ainda que se encontrem críticas a respeito de algumas traduções, como, por exemplo, as da editora Landmark, de 2009, ousamos dizer que no caso de Jane Austen, a circulação independe de seus textos.

Em uma postagem em seu blog Monte de Leituras, o doutor em Teoria Literária pela USP, Alfredo Monte compara diversas edições brasileiras do livro *Orgulho e Preconceito* e, ao se referir à edição publicada pela editora Landmark, afirma não saber o que dizer sobre a edição de “tão abaixo do nível de uma Jane Austen ou de qualquer autor clássico”. E mais, Monte afirma que a edição publicada pela editora, com a tradução de Marcella Furtado “entre tantas soluções horrendas — parece titubear nos tempos verbais”.⁷

⁷ Texto na íntegra: <https://armonite.wordpress.com/tag/marcella-furtado/>. Último acesso em 16/07/2014.

O fenômeno de culto à autora nos últimos tempos permite a circulação em massa de adaptações de suas obras, reunindo uma legião de fãs que muitas vezes nem conhecem a escrita da autora.

Análise da instância escritor

Como apontamos no tópico anterior, a autoria de Jane Austen está mais relacionada ao que se fala dela do que aos textos produzidos pela autora e, é importante ressaltar, muito se diz sobre a autora desde o século XIX. Diversas biografias foram escritas, inclusive por alguns familiares: o irmão Henry Austen, cuja importância na publicação das obras de Jane Austen foi citada no Relatório Parcial, publicou em 1833 uma breve biografia da irmã, intitulada *Memoir of Miss Austen*, além do prefácio em que revelava a identidade da já aclamada – ainda que desconhecida - autora de *Orgulho e Preconceito*, após a morte prematura da irmã. Em 1870, foi a vez do sobrinho J. E. Austen-Leigh publicar *A Memoir of Jane Austen*, seguido pelas irmãs Anna Austen (posteriormente Anna Lefroy) e Caroline Austen, que publicaram, respectivamente, *Recollections of Aunt Jane* (1864) e *My Aunt Jane Austen* (1867).

Como aponta Catherine Reef, em seu livro *Jane Austen – a life revealed*⁸ (2011), traduzido para o português e publicado no início de 2014 pela editora Novo Século, nessas biografias, percebe-se a intenção da família em produzir uma imagem agradável de Jane Austen, dotando-a de benevolência e gentileza, entretanto, pouco se sabe sobre a personalidade da autora, uma vez que essa mesma família destruiu grande parte das correspondências e dos escritos de Austen, para preservar – ou ocultar – a intimidade da autora:

(...) Sua família a descreveu para o mundo da forma como gostaria de ser lembrada. “A doçura de seu temperamento nunca falhou. Ela sempre foi amável”, escreveu o sobrinho Edward Austen-Leigh. “Ela mesma sendo impecável, tanto quanto é permitido à natureza humana, sempre buscava, diante da falta dos outros, algo para desculpar, perdoar ou esquecer”, descreveu o irmão Henry. “Acredito que ela nunca tenha dito uma única palavra áspera”, declarou uma das sobrinhas. (REEF, 2014, p.18)

É possível, aqui, fazer referência à teoria *ethos discursivo*, formulada por Maingueneau (2008), já que o *ethos* é o efeito de sentido produzido pela cenografia, isto é, o processo de textualização, que, por sua vez, só se institui em atrito com o quadro

⁸ Em português, *Jane Austen – uma vida revelada* (Barueri: Novo Século, 2014)

cênico, isto é, pelas condições de produção dadas pela cena englobante, ou o tipo de discurso; no caso, o literário, gerido em uma cena genérica, assumindo características dos gêneros discursivos. No caso da Jane Austen, podemos dizer que há a construção de um *ethos* da autora a partir de seus escritos e a partir do que se registrou sobre sua vida. Devemos distinguir aqui o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo, o primeiro é a imagem que criamos de um autor ou locutor ao tomar contato com a textualização de discursos que atualiza; o segundo, por sua vez, é o *ethos* estabelecido previamente à textualização, calcado em estereótipos e práticas sociais ritualizadas. No caso de textos de um autor desconhecido, não se espera que haja um *ethos* prévio do *ethos* do locutor.

Segundo Maingueneau (2008, p. 18), “o *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*)(...)”. No caso de Jane Austen, com base nas várias biografias escritas por familiares, podemos dizer que houve, por parte da família, a construção de uma determinada imagem de Jane Austen, ou seja, a constituição de um *ethos discursivo*, o que chamamos de *ethos dito* (que aqui, é também um *ethos* atribuído pelas vozes autorizadas na sua condição de intimidade), e, por nos ser impossível o contato não mediado com Jane Austen, não há propriamente um *ethos mostrado* no qual nos possamos debruçar a fim de tirarmos nossas próprias conclusões. Seus livros, que talvez pudessem suscitar uma construção mais própria da autora são, eles também, produções mediadas pelas editoras, traduções, formas de circulação.

Entretanto, esse *ethos* não é o único que circula, se assim fosse, não haveria tantos trabalhos sobre a ironia e a crítica social em Jane Austen e, mais ainda, não teríamos iniciado este projeto nos questionando quanto ao pertencimento da autora ao discurso feminista.

Apesar das diversas biografias que circulam até hoje, muito do que se diz a respeito de Jane Austen acaba sendo adaptado e readaptado por leiotres e fãs, ou seja, além de especulações, ocorre certa romancização da vida da autora, especialmente no que se refere a sua vida amorosa, principalmente pelo fato de a escritora ter se mantido solteira por toda a vida no contexto social em que vivia, no qual o casamento era praticamente a única saída legítima para uma mulher, e mesmo tendo escrito sobre amor e criado diversos personagens apaixonados, que são queridos até hoje. Um exemplo dessa romancização a que nos referimos está na sinopse do livro *Jane Austen – uma vida revelada*, citado anteriormente:

Uma biografia contundente, perspicaz e divertida como uma legítima obra de Jane Austen, a vida revelada da escritora mais importante do século XIX. Embora seja uma das escritoras mais amadas de todos os tempos, Jane Austen ainda é uma figura de grande mistério. Seria ela a gentil e doce tia Jane? Ou uma moça de língua afiada, artilosa, como sugere sua escrita? Como passava seus dias? E, se ela nunca alcançou o mesmo final feliz de suas personagens, teria ao menos encontrado o amor verdadeiro? Ambientando sua narrativa no contexto da aristocracia inglesa do século XIX, Catherine Reef extrai informações de cartas escritas por Austen para conceber um relato íntimo da vida e dos sentimentos da escritora. A narrativa inclui detalhes dos seis fascinantes romances publicados pela escritora. (*Jane Austen – uma vida revelada*, Barueri: Novo Século, 2014)

Além da subjetividade em afirmar que Jane Austen é a “escritora mais importante do século XIX”, nos parece ambicioso acreditar que o livro contenha um "relato íntimo da vida e dos sentimentos" da autora, uma vez que se dispõe de pouco ou nada em que se basear a esse respeito. Levando-se em conta que, como o próprio texto diz, há um “mistério” acerca da vida da autora, é quase impossível deduzir que, dois séculos após a morte de Austen, alguém conheça os sentimentos da autora, mesmo que se estudem algumas poucas cartas que foram mantidas pela família, dentre as tantas que não tiveram o mesmo fim. Essa “triagem” do epistolário já põe em questão o próprio epistolário.

Se nos questionarmos a respeito de quando teria se iniciado esse “fenômeno Jane Austen”, veremos que é difícil precisar quando suas obras se tornaram objeto de análise na Academia e livro de cabeceira de diversos leitores. Entretanto, no Acervo Virtual da Universidade de São Paulo- USP e da Universidade de Cambridge (Reino Unido), por exemplo, é possível encontrar livros, artigos e teses a respeito da autora, sejam biografias ou estudos de suas obras desde o início da década de 1960; na Universidade de Coimbra (Portugal) e na Universidade de Florença (Itália), por outro lado, é possível encontrar livros ainda mais antigos, da década de 1940 e, na mais antiga universidade de língua inglesa, a Universidade de Oxford, também situada no Reino Unido, há trabalhos sobre Jane Austen datados da década de 1930⁹. Os trabalhos são variados, mas analisando as sinopses e resumos, percebemos que, embora alguns estudem de fato os textos de Austen, a maioria se debruça sobre o contexto sócio-histórico presente nas obras e em dados biográficos da escritora.

Sabemos que os hábitos de leitura mudaram bastante desde o século XIX, assim, mais que livro de cabeceira, a obra de Austen se tornou fonte de inspiração para

⁹ Ao final deste relatório, a título de ilustração, segue uma lista com alguns títulos encontrados no acervo digital das universidades citadas.

diversas releituras, como citado no Relatório Parcial¹⁰. Entretanto, essas releituras não se limitam aos diversos livros relançados a cada ano, nem às diferentes adaptações cinematográficas e televisivas de cada uma das histórias criadas por Jane Austen. Entre 2009 e 2011, por exemplo, a editora estadunidense de histórias em quadrinhos *Marvel Comics* publicou quatro obras de Jane Austen em HQ: *Sense & Sensibility*, *Pride & Prejudice*, *Emma* e *Northanger Abby*, mostrando que a demanda pelas obras da autora continuava crescendo.



Figura 1: Revistas de história em quadrinhos das obras "Sense & Sensibility", "Pride & Prejudice", "Emma" e "Northanger Abby", publicadas pela Marvel Comics entre 2009 e 2011.

Se quisermos observar a relação das obras de Austen com outras culturas, podemos mencionar sua repercussão no Japão, em especial a do livro *Orgulho e Preconceito* (1813), que foi traduzido para o japonês apenas em 1926. *Orgulho e Preconceito* foi transportado para dois gêneros muito populares no país: shoju mangá e teatro takarazuka, além de receber diversas releituras.

Em 2009, *Orgulho e Preconceito* recebeu sua adaptação para o mangá, os famosos quadrinhos femininos, publicado em dois volumes com o título *Kouman to Henken*, adaptado por Reiki Mochizuki. E em 2012 foi a vez de *Emma* (1818) receber sua adaptação.

¹⁰ Cf. Relatório Parcial, especialmente pp. 41-42.



Figura 2: Shōju Mangás de "Pride and Prejudice" e "Emma", entre 2009 e 2012.

Antes disso, porém, outras adaptações e releituras ficaram conhecidas, como o famoso mangá *Hana Yori Dango*, de Yoko Kamio, uma releitura moderna de *Orgulho e Preconceito* cujos volumes foram publicados de 1992 a 2003, e a releitura menos explícita *Glass Mask* (1976), de Suzue Miuchi, que se tornou, posteriormente, anime (animação japonesa) e filme. *Hana Yori Dango* também foi adaptado para o anime e para a televisão – os conhecidos doramas – recebendo adaptações japonesa, coreana, taiwanesa e chinesa. E, em 2012, o Teatro Takarazuka¹¹ encenou uma adaptação de *Orgulho e Preconceito*, intitulada *Tenshi no Hashigo*.

É possível encontrar, também, incontáveis histórias criadas por fãs – *fanfics*¹² -, reunidas em Fandoms¹³, como Jane Austen Fanfics (<http://www.janeaustenfanfics.com.br/>), por exemplo, com o mesmo objetivo: dar continuidade às histórias eternizadas pelas leituras que são feitas das palavras da escritora inglesa. Essas *fanfics* se mostram cada vez mais abundantes e mais criativas. É possível encontrar desde uma continuação romântica de *Orgulho e*

¹¹ Takarazuka Reiko (Takarazuka Revue) é uma companhia de teatro fundada em 1913, dividida em cinco trupas principais. Todos os papéis são interpretados por mulheres, o figurino e o cenário costumam ser bastante chamativos e as performances têm um toque melodramático. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Takarazuka_Revue. Último acesso em 13/07/2014.

¹² *Fanfic* é a abreviação do termo em inglês *fan fiction*, ou seja, "ficção criada por fãs", mas que também pode ser chamada de Fic. Trata-se de contos ou romances escritos por terceiros, não fazendo parte do enredo oficial dos animes, séries, mangás, livros, filmes ou história em quadrinhos a que faz referência, ou uma história inventada por eles. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fanfic>. Último acesso em 13/07/2014.

¹³ *Fandom* é uma palavra de origem inglesa (de *Fan Kingdom*), que se refere ao conjunto de fãs de um determinado programa da televisão, pessoa ou fenômeno em particular. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fandom>. Último acesso em 13/07/2014.

Preconceito (1813), narrando a vida de casados do casal Elizabeth Bennet e Mr. Darcy, desde releituras de *Razão e Sensibilidade* (1811), tendo como protagonistas personagens do *best seller* adolescente *Harry Potter*, da autora J. K. Rowling¹⁴.

Além das diversas páginas na internet dedicadas à Jane Austen citadas no Relatório Parcial, muitas outras poderiam se somar à lista apresentada, desde websites, blogs ou grupos no Facebook. Todos com o intuito de divulgar os livros da autora, bem como diversos artigos derivados que são lançados constantemente.

Os fãs e estudiosos de Austen podem ficar inteirados a respeito de eventos temáticos em Bath (cidade para a qual a autora se mudou com a família, aos 25 anos) e curiosidades sobre a Inglaterra Regencial através da revista oficial do *Jane Austen Centre* (Bath), *Jane Austen's Regency World* (<http://janeaugenmagazine.co.uk/>), publicada bimestralmente e enviada a assinantes de todo o mundo.

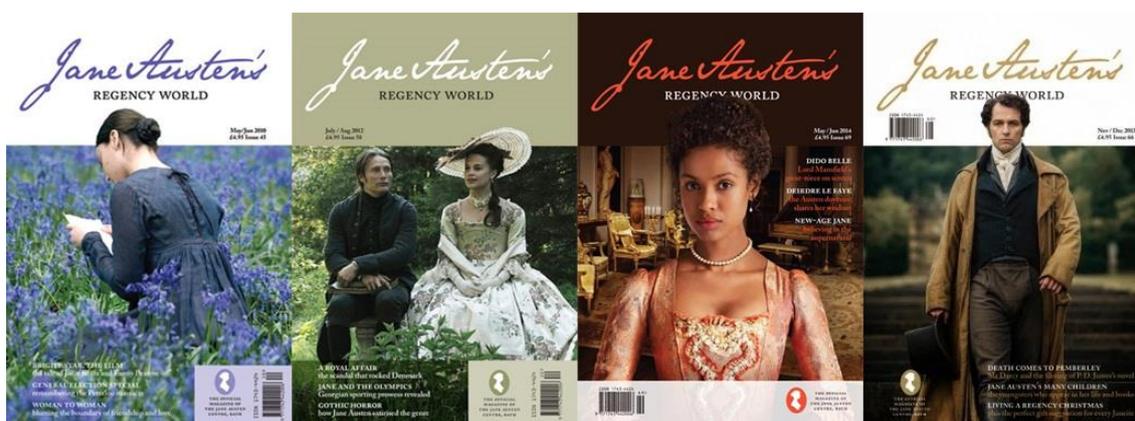


Figura 3: Revistas Jane Austen's Regency World, respectivamente, vol. 45 (2010), 58 (2012), 69 (2014) e 66 (2013).

Além das releituras, adaptações e textos derivados das obras de Austen, podemos observar sua grande circulação na contemporaneidade nos mais diversos objetos. E, como *Orgulho e Preconceito* é a obra mais famosa da autora, é também a que mais circula nesses objetos. A exemplo, podemos citar ecobags com a frase “Keep calm and Love Mr. Darcy”, “I Love Mr. Darcy”, camisetas com os mesmo dizeres, canecas com a foto de Colin Firth no papel de Mr. Darcy.¹⁵ Mais ainda, é possível encontrar cortador de biscoitos com o perfil de um personagem, ou seja, com um perfil idealizado de Mr. Darcy, ou baseado em algum dos diversos atores que deram vida ao

¹⁴ Fanfic *Sense and Sensibility* (http://fanfiction.com.br/historia/368407/Sense_and_Sensibility/). Último acesso em 9/07/2014.

¹⁵ Colin Firth interpretou Mr. Darcy na adaptação televisiva de *Pride and Prejudice*, produzida pela BBC em 1995. Embora haja várias adaptações da obra, Firth foi eternizado no papel de Mr. Darcy.

personagem – principalmente o ator Colin Firth. Há, também, pequenos bonecos dos personagens das obras de Austen, CDs com coletâneas de músicas “do tempo de Jane Austen”, os as “Músicas favoritas de Jane Austen”, chás, jóias e bijouterias inspiradas no período regencial descrito por Jane Austen, entre vários outros objetos¹⁶.



Figura 4: Cortador de biscoitos com o perfil do personagem Mr. Darcy, de *Orgulho e Preconceito*.

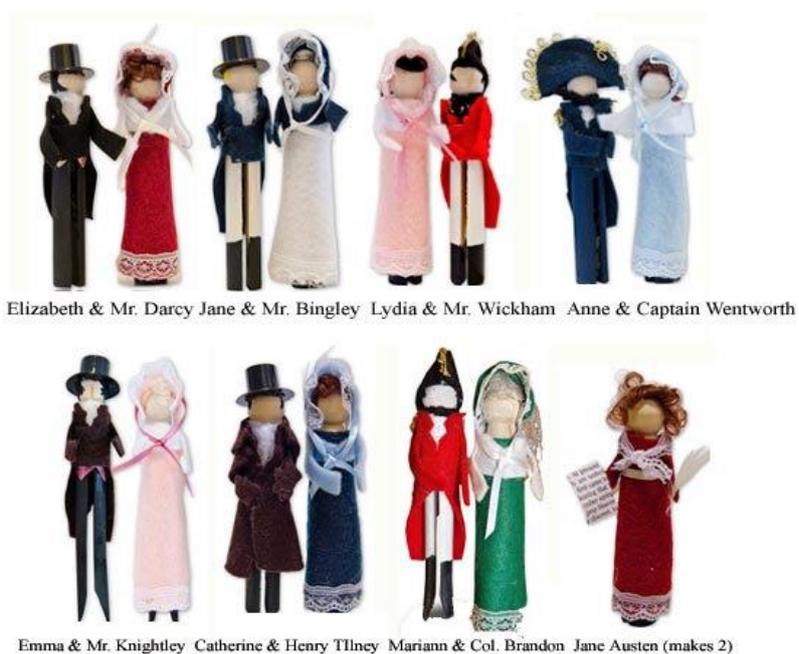


Figura 5: Bonecos dos personagens mais famosos das obras de Jane Austen.

¹⁶ A maior parte dos itens citados pode ser encontrada na loja virtual Jane Austen Gift Shop (<http://www.janeaustengiftshop.co.uk>). Último acesso em 9/07/2014.



Figura 6: Jogo de cartas ilustrado com personagens de Jane Austen.

Até este ponto, mesmo entendendo a grande circulação das obras de Jane Austen 200 anos após sua primeira publicação como um fenômeno, ainda é possível considerar os produtos mencionados comuns, tradicionais na indústria da transmediação e da produção de objetos em série, mas, a partir do momento que a própria autora, e não mais seus personagens, passam a estampar artigos colecionáveis, é que percebemos a proporção do fenômeno Jane Austen.

Além de roupas inspiradas no período em que as obras de Austen são ambientadas, encontramos curativos e armatizadores de ar decorados com a caricatura da autora, bem como com trechos de seu livro mais famoso, um cortador de biscoitos semelhante ao que mostramos acima, porém com o perfil da autora, uma *action figure* da autora portando uma pena em uma mão e, na outra, o livro *Orgulho e Preconceito*, entre vários outros objetos.



Figura 7: Curativos e aromatizadores de ar ilustrados com a caricatura e trechos de obras de Jane Austen.



Figure 8: Cortador de biscoitos e *action figure* com a imagem de Jane Austen.

A partir desses dados, cremos ser possível falar na paratopia criadora *em* Jane Austen e a paratopia criadora *de* Jane Austen, pois não apenas sua autoria é paratópica, conforme se propõe na teoria mobilizada, mas também a própria autora, que, de certa forma, acabou por se tornar uma personagem.

O número de fãs da autora é cada vez maior, por isso a demanda por novidades relacionadas a Austen e suas obras está, também, em constante crescimento. Um exemplo disso são os livros baseados na vida e/ou obra da autora que não cessam de ser produzidos e traduzidos para diversas línguas. Nos Brasil, só no início de 2014, foram lançados: *Austenlândia* (por Shannon Hale), publicado pela editora Record; *Jane Austen*

- *uma vida revelada* (por Catherine Reef), publicado pela editora Novo Século, que investiu em uma edição em capa dura, com miolo cheio de ilustrações e arabescos; e o livro *Juvenília*, que reúne textos de Jane Austen e Charlotte Brontë escritos na juventude.

Charlotte Brontë, assim como Jane Austen, publicou sob pseudônimo (Currer Bell), mas, ao contrário de Austen, teve uma vida sofrida e marcada por grandes perdas. Com a morte prematura da mãe, ficando aos cuidados de uma tia, ela e suas quatro irmãs foram enviadas a uma escola para garotas, cujo ambiente inóspito e as frcas condições causaram a morte de suas duas irmãs mais velhas, que foi descrita em seu romance *Jane Eyre* (1847). Diferentemente de Austen, Charlotte Brontë também se dedicou à poesia, chegando a publicar, em maio de 1846, uma coleção de poemas em conjunto com suas duas irmãs Emily e Anne Brontë, com os pseudônimos Currer, Ellis e Acton Bell¹⁷.

Quanto às diversas adaptações televisivas e cinematográficas, parece ainda haver espaço – e público – para quantas tantas forem produzidas. Como exemplo disso, há a minissérie produzida pela BBC em 2013, intitulada *Death Comes To Pemberley*, baseada no livro homônimo, de P.D. James¹⁸, que acompanha Elizabeth Bennet¹⁹ e o Sr. Darcy²⁰ seis anos após os fatos ocorridos no livro de Austen. Há, ainda, uma nova adaptação musical do livro *Persuasão*, que tem estréia prevista para julho de 2014 em Chicago. Ainda neste ano, segundo o blog americano *Austen blog*²¹, será produzida uma adaptação do livro *Lady Susan*, livro de Austen que ainda não recebeu nenhuma adaptação.

Um filme que ilustra bem essa fascinação existente pela autora e seus livros é *Austenland*²², baseado no livro homônimo, escrito por Shannon Hale, que acompanha a vida de uma fã de Jane Austen. A protagonista, Jane Hayes, é obcecada por Jane Austen e pelo personagem mais famoso da autora, mais especificamente pelo ator Colin Firth no papel do personagem. Por esse motivo, ela não consegue manter nenhum relacionamento amoroso. Após o término de seu último namoro, cujo parceiro nunca chegaria aos pés do seu modelo de homem ideal, o sr. Darcy, Jane resolve gastar todas

¹⁷ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Charlotte_Bront%C3%AB. Último acesso em 13/07/2014.

¹⁸ Em português, *Morte em Pemberley* (São Paulo: Companhia das Letras, 2013).

¹⁹ Interpretada pela atriz Anna Maxwell Martin.

²⁰ Interpretado pelo ator Matthew Rhys.

²¹ Notícia na íntegra: <http://austenblog.com/2014/02/09/casting-news-for-love-and-friendship-movie/>. Último acesso em 13/07/2014.

²² Em português, *Austenlândia*, foi traduzido e publicado no Brasil no início de 2014 pela editora Record.

as suas economias em uma viagem para um resort temático inspirado no universo de Jane Austen: Austenlândia.

Austenlândia, por sua vez, é um lugar criado para prover a experiência de se estar em um dos livros de Austen: decoração do período regencial, vestidos, espartilhos, criados, passeios pelo grandioso jardim, damas e cavalheiros conversando em meio a diversas citações de Austen.

Claro que Austenlândia é um lugar fictício, criado pela autora para ambientar sua história e, de certa forma, ilustrar o comportamento de fãs de Austen, entretanto, é possível que, se o lugar fosse real, atraísse um público de grandes proporções, dado que há, numa discursivização, o que Maingueneau propõe como um princípio da *semântica global*²³, que refere a existência de um conjunto de regras que rege todas as dimensões do discurso e que funciona como uma rede de restrições, ou seja, diversos elementos discursivos que compõem um determinado discurso – vocabulário, temas, o modo de enunciação, bem como o modo de vestir, de agir – no caso em tela, tudo *ditado* pelas obras de Austen, ou pelo que se lê nas obras de Austen.

O fenômeno Jane Austen atinge proporções tão grandes que há um termo para designar os “discípulos de Jane Austen”: *Janeite(s)*. O termo foi cunhado pelo estudioso George Saintsbury em sua introdução de uma nova edição de *Orgulho e Preconceito*, no ano de 1894. Antes com conotação negativa, significando algo vergonhoso, após a “canonização” das obras de Austen e sua aceitação no ambiente acadêmico, entre 1930 e 1940, o termo passa a receber uma segunda sinificação, agora com conotação positiva, de modo que os fãs passam a se autodenominar *Janeites*. Esse processo, como outros acima relatados, mostra bem o quanto as mediações institucionais, entre elas as mais propriamente editoriais, condicionam a recepção das obras ao delimitar formas de ler: objetos e práticas de leitura.

A fascinação é tão grande que, não raro, os fãs resolvem homenagear a autora, declarando seu amor por sua obra através de tatuagens, isto é, da eternização da autora e de sua obra na própria pele:

²³ Cf. MAINGUENEAU, 2008, pp. 75-97



Figura 9: Tatuagem da assinatura de Jane Austen.²⁴

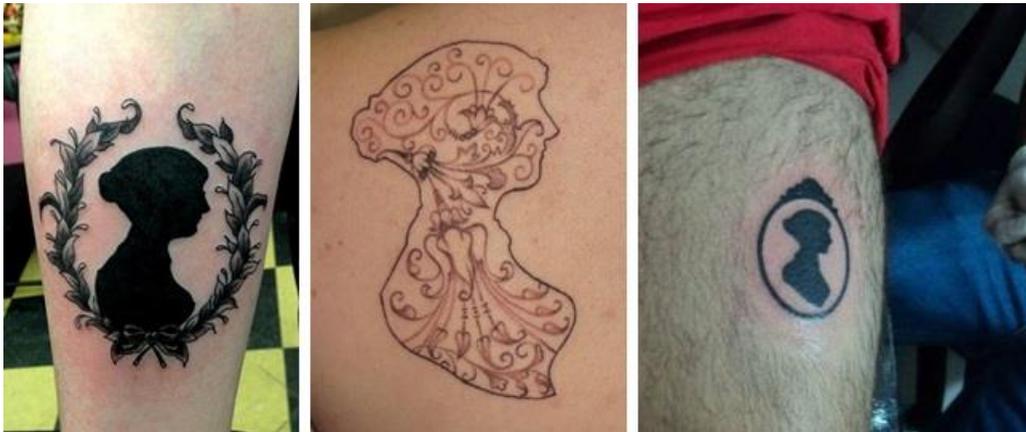


Figura 10: Tatuagens do perfil de Jane Austen.²⁵



Figura 11: Tatuagens inspiradas na obra *Orgulho e Preconceito*. A primeira é uma representação de Pemberley, propriedade do protagonista masculino Mr. Darcy; a segunda traz o nome do personagem sua representação por um possível adereço.²⁶

²⁴ Fonte das imagens 1 e 2 respectivamente: <http://patrickspedding.blogspot.com.br/2012/07/literary-tattoos-of-eighteenth-century.html>; <http://austequila.blogspot.com.br/2014/03/1-dia-de-blog-1-ano-de-tatto-1-decada.html>. Último acesso em 10/07/2014.

²⁵ Fontes das imagens 1, 2 e 3 respectivamente: http://jennyboulgertattoos.com/artwork/3297033_Jane_Austen_Silhouette.html; <http://janeaustenpt.blogs.sapo.pt/346734.html>; <http://www.janeausten.com.br/2012/03/fa-confesso-e-impresso-de-jane-austen/>. Último acesso em 10/07/2014.



Figura 12: Tatuagens inspiradas em *Orgulho e Prconceito*. A primeira traz a citação "In vain have I struggled. It will not do. My feelings will not be repressed. You must allow me to tell you how ardently I admire and love you", fala do personagem Mr. Darcy ao se declarar a Elizabeth Bennet; a segunda apresenta a primeira frase do livro "It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife"²⁷.



Figura 13: Tatuagens inspiradas nas obras *Persuasão* e *Orgulho e Preconceito*. A primeira faz referência à carta escrita pelo personagem capitão Wentworth à Anne Elliot, declarando sua agonia e esperança em ser aceito por ela, "halt agony" e "half hope"; a segunda "We are all fools in love" é uma famosa frase de *Orgulho e Preconceito*,²⁸

²⁶ Fonte: <http://theotherausten.tumblr.com/post/9824399486/jane-austen-tattoos>. Último acesso em 10/07/2014.

²⁷ Fonte das imagens 1 e 2 respectivamente: <http://nikaandherspace.tumblr.com/post/19644430361/fuckyeahtattoos-still-obsessed-with-mr-darcy>; <http://www.pinterest.com/pin/63120832249425253/>. Último acesso em 10/07/2014.

²⁸ Fontes das imagens 1 e 2 respectivamente: <http://www.pinterest.com/pin/339599628122914249/>; <http://www.pinterest.com/pin/80501912063786225/>. Último acesso em 10/07/2014.

A paixão por Jane Austen não se restringe a leitores anônimos, muitos escritores profissionais que se declaram fãs de Austen não necessariamente escreveram algo relacionado a ela e suas obras, mas não negam que, de certa forma, a autora serve de inspiração. No final de 2013, por exemplo, a autora nacional Carina Rissi escreveu uma carta aberta a Jane Austen, expressando sua admiração e declarando que a autora é sua maior fonte de inspiração. Carina Rissi ainda diz acreditar que Jane Austen criou o gênero literário *chick-lit*, conhecido vulgarmente como “literatura de mulherzinha”, que aborda as questões das mulheres modernas.²⁹

Declarações desse tipo não são raras, em 2006, por exemplo, o jornalista colaborador do jornal *Folha de S.Paulo*, no texto *Como Jane Austen pode mudar sua vida*³⁰, defende que “Jane Austen entendia mais sobre a natureza humana do que quilos e quilos de tratados filosóficos sobre a matéria”. Diz ainda que considera a autora “uma das melhores escritoras de sempre”. Fala da peculiaridade da personagem Elizabeth Bennet e de algumas características que, segundo o jornalista, certamente “agradam as consciências feministas”, como o “nariz alto, opiniões fortes, capaz de vergar Darcy e o seu preconceito aristocrático”.

Se Jane Austen é aclamada e admirada em diversos países, é ainda mais em seu país de origem, o Reino Unido. Em 2013, por exemplo, um anel que pertenceu a Jane Austen foi leiloado e arrematado por \$243,000 pela cantora estadunidense Kelly Clarkson, entretanto, o objeto foi considerado um tesouro nacional, não podendo, assim, ser retirado do território britânico. No período do leilão, o *Jane Austen's House Museum* (<http://www.jane-austens-house-museum.org.uk/>, último acesso 9/07/2014) não tinha dinheiro para arrematar a jóia, e lançou uma campanha para obter recursos, a *Give Jane Austen A Ring!*, e acabou recebendo uma doação anônima de £100 mil com a qual comprou o anel da cantora. E, assim, o anel continua no Reino Unido.

Ainda em 2013, o Banco da Inglaterra anunciou que Jane Austen estampará a nova nota de 10 libras a partir de 2017. Desde a década de 1970, as notas britânicas são estampadas com a face de personalidades; Jane Austen será a terceira mulher a receber essa homenagem.

²⁹ A carta aberta pode ser lida na íntegra através do link: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/11/23/internas_viver,475307/carina-rissi-escreve-carta-aberta-a-jane-austen.shtml. Último acesso em 9/07/2014.

³⁰ O texto pode ser lido na íntegra através do link: <http://www1.folha.uol.com.br/foha/pensata/ult2707u29.shtml>. Último acesso em 9/07/2014.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

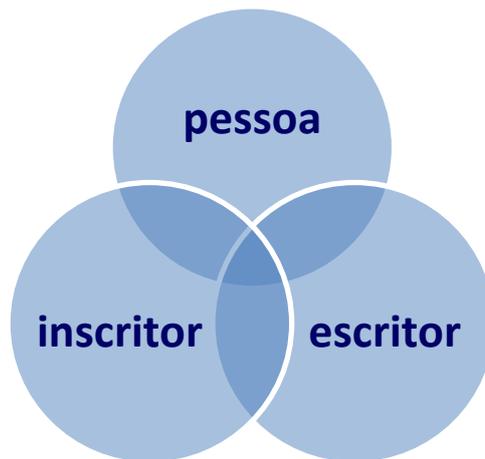
No processo de criação, a paratopia une o autor à obra, de forma que há nela características da sociedade em que o autor/escritor está inscrito, assim, obra e sociedade são relacionados sem que se abandone em alguma medida a consciência do autor, que tem um projeto, escreve, publica, pondo em movimento toda uma maquinaria discursiva que lhe impõe coerções, como vimos, por exemplo, com o fato de Austen publicar com pseudônimo (Cf. Relatório Parcial, p. 19).

Por isso, parece inegável que Jane Austen escreveu sobre sua própria realidade, isto é, sobre a conjuntura e coagida pela conjuntura que vivia, ainda que não se possa precisar quão semelhantes as situações narradas em suas obras são de sua própria condição. Não se trata de biografizar suas narrativas, que não se põem com autobiografias. Não podemos negar, porém, que a sociedade sobre a qual a autora escreveu, e que criticou duramente em todos os seus livros, é a mesma em que estava inserida e na qual sua escrita emergiu. Através de sua escrita, Austen mostrou sua preocupação com as pressões sobre as mulheres e as representações ideológicas embasadas em valores patriarcais. Sobre isso, consideremos:

(...) se tais enunciadores puderam interiorizar o funcionamento de um discurso em toda a sua complexidade, é simplesmente porque esse último lhes era imposto por sua posição social, porque existia um laço, obscuro, mas necessário, entre a natureza desses discurso e o fato de pertencer a tal grupo ou classe. (MAINGUENEAU, 2008, p. 52)

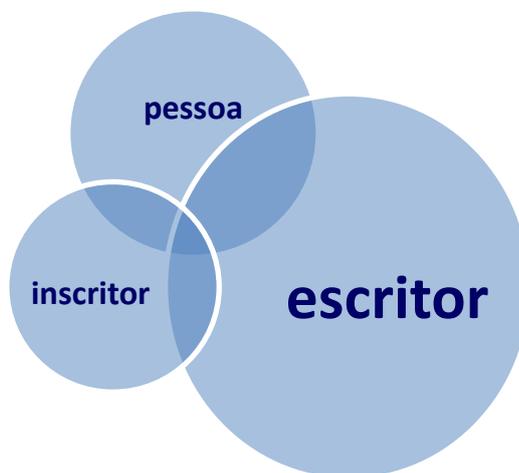
Assim, retomando a resenha teórica apresentada no Relatório Parcial, a seguir apresentamos uma representação gráfica do entrelaçamento das três instâncias da autoria, que se põe como paratopia: *pessoa, escritor e inscritor* (conforme proposta por Salgado, 2010). Pensa-se aqui numa estrutura de nó borromeano; os três anéis se entrelaçam de modo que, se se rompe um dos três, os dois outros se separam.

É-se sempre tentado a reduzir o nó a um de seus anéis: a pessoa, para a história literária, seja ela sociologizante ou psicologizante; o escritor, para as pesquisas sobre as instituições literárias; o inscritor, para os adeptos da obra ou do texto em detrimento de tudo mais. (MAINGUENEAU, 2006, p. 137).



Esquema 1: Diagrama-modelo da paratopia criadora, segundo Salgado (2010).

Após as análises apresentadas, que visavam, a princípio a aplicação do modelo teórico, podemos notar, conforme diagrama abaixo, que, diferentemente do modelo do entrelaçamentos das instâncias constitutivas da autoria apresentado anteriormente, o tamanho das esferas varia de acordo com o corpus apresentado neste trabalho. Assim, a instância *escritor*, que diz respeito à circulação, ao modo de dispersão das obras de Jane Austen, ganha destaque.



Isso permite pensar na força do modelo, em como é produtiva a ideia de que a autoria se produz como um efeito de ocupação de cada um dessas instâncias que constituem, entrelaçadas, um lugar paratópico, isto é, um topos de certo modo paralelo (pois o autor não coincide com uma pessoa física, é uma figura discursiva) e essa ocupação das instâncias é dinâmica, variando de autor para autor, possivelmente de época para época, inclusive no caso de um mesmo autor, e conforme a mediação editorial, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, é impossível precisar o que inspirou as obras de Jane Austen e, menos ainda qual era a intenção da autora ao escrevê-las. De um lado, temos Jane Austen, a “querida tia Jane” que não era capaz de proferir sequer uma palavra áspera; de outro, a mulher capaz de criticar duramente a sociedade de seu tempo, através da forte ironia em seus textos.

Além disso, apesar de toda a ironia e as críticas presentes na escrita de Austen, não podemos dizer que a autora era feminista. Podemos dizer, entretanto, que todo e qualquer texto se presta a diversas leituras – embora não a qualquer leitura –, de modo que podemos encontrar a reprodução dos textos de Austen em diversos contextos distintos, e suas personagens obstinadas e fora do padrão para a época, construídas sobretudo em seus diálogos ácidos, podem ser lidos por um viés feminista.

Retomando a formulação atribuída a Saussure no *Curso de Linguística Geral* (aqui, na edição de 2003, p. 15), consideremos que “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”. E, se levamos em conta que a leitura se produz discursivamente, neste caso cremos ser plausível dizer que não se trata de um discurso feminista, mas de uma leitura feminista.

Quanto à atualidade de uma autora oitocentista, com Possenti (2010) afirmamos que “um texto ser bom ou ruim tem mais a ver com o *como* do que com o *quê*” e, desse modo, podemos dizer que a obra de Austen continua arrebatando fãns dois séculos após a morte da autora porque ela conseguiu contar suas histórias de forma atemporal; mesmo escrevendo sobre o seu tempo, ela o fez de um modo que pode ser lido, hoje, como se as situações narradas nos fossem conhecidas, familiares. Ou, talvez, pouca coisa tenha mudado desde então. Segundo Mainueneau (2006, p. 84), “(...) a leitura exige a

construção de implícitos que, longe de ser inferidos na leitura de uma obra singular, estão, na verdade, já presentes na memória do leitor, cabendo-lhe apenas ativá-los. (MAINGUENEAU, 2006, p. 84)

Por fim, concluímos esta pesquisa entendendo que o fenômeno Jane Austen é uma fonte inesgotável de dados para estudo, não por acaso, ainda que continue a ser de interesse popular, permanece um tema de pesquisas acadêmicas em universidades em diversos países, seja em relação a sua autoria, aos diversos *ethes* que circulam, ou ao modo como os fãs são vistos, muitas vezes, como “membros de um culto”. Um canteiro de trabalhos futuros aos quais pretendemos nos dedicar.

SOBRE O DESEMPENHO ACADÊMICO E OUTRAS ATIVIDADES

Durante o primeiro semestre de 2014, além das atividades realizadas para o presente projeto, foram cursadas as disciplinas obrigatórias para o 7º período da graduação e duas disciplinas optativas:

- (062790 A) - Estágio Curricular 1;
- (062839 A) - TCC 1 - Trabalho de Conclusão de Curso 1;
- (062812 A) - Laboratório 7 - Ênfase II: Meios e Materiais Instrucionais;
- (060216 A) - Letramentos: Teoria e Prática;
- (062979 A) - Tratamento Editorial de Textos.

Como será possível observar no Histórico de Graduação encaminhado à FAPESP, todas as disciplinas, obrigatórias e optativas, foram devidamente cursadas, com bom aproveitamento.

Ademais, foi produzido um artigo científico a ser submetido a periódico da área, conforme proposto no Projeto Inicial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012. 480 p.

- AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012. 320 p.
- AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor – notas para sua história. In **Em questão**, Porto Alegre, vol. 11, n. 12, p. 219-237, jul/dez. 2005.
- CHARTIER, Roger. A mediação editorial. In: CHARTIER. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia Moretto. São Paulo: UNESP, 2002, pp. 61-76.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros – passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DE CERTEAU, Michel. (1990) Ler : uma operação de caça. In: DE CERTEAU. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. Trad. Ephraim Alves. Vol. 1. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 259-273.
- MAINGUENEAU, Dominique. A Propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel (Org.); SALGADO, L.S. (Org.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. 2ª edição. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso literário**. Trad. Adaila Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MUNIZ Jr., José de Souza. Revisor, um maldito: questões para o trabalho e para a pesquisa. In: RIEIRO; VILLELA; COURA SOBRINHO; SILVA (orgs.) **Leitura e escrita em movimento**. São Paulo: Peirópolis, 2010, pp. 269-289.
- RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: suportes, gêneros e processos editoriais. In: Anais IV SIGET, 2011, UFRN, Natal.
- SALGADO, L.S. **Ritos genéticos no mercado editorial**. Scripta (PUCMG), v. 14, p. 139, 2010.
- SAUSURRE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- POSSENTI, Sírio. Enunciação, autoria e estilo & Índícios de autoria. In: POSSENTI. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010, pp. 91-117.
- YAMAZAKI, Cristina. Editor de texto: Quem é e o que faz?. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.

SITES

AS HQ's de Orgulho e Preconceito. Disponível em < <http://revista21.com.br/?p=8950>>.

Acesso em 15/06/2014.

JANEITES. Disponível em < <http://en.wikipedia.org/wiki/Janeite>>. Acesso em 18/06/2014)

RELEITURAS de Jane Austen nos Mangás Femininos Japoneses <<http://pt.slideshare.net/shoujofan/releituras-de-jane-austen-nos-mangs-femininos-japoneses>>. Acesso em 17/06/2014.

ROMANCISTA Jane Austen será a nova estampa da nota de 10 libras. Disponível em < <http://entretenimento.r7.com/blogs/ligia-braslauskas-literatura/romancista-jane-austen-sera-a-nova-estampa-da-nota-de-10-libras-24072013/>>. Acesso em 18/06/2014.

TAKARAZUKA Revue. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Takarazuka_Revue>. Acesso em 17/06/2014.

ANEXO I – Lista de livros sobre Jane Austen em acervos digitais

Acervo digital da USP

TÍTULO / AUTOR	ANO
Jane Austen (Robert P. Irvine)	1965
Scanning Electron Microscope Study of Jane Austen's Hair (J. A. Swift)	1972
Recollecting Jane Austen (Litz, A. Walton)	1975
Hierarchies of choice: the social construction of rank in Jane Austen (Richard Handler)	1985
Jane Austen (Tony Tanner)	1986
Jane Austen and the body : "the picture of health" (John Witshire)	1992
Jane Austen and representations of Regency England (Roger Sales)	1994
Jane Austen and the French Revolution (Warren Roberts)	1995
Obra de Jane Austen ainda é atual (Terezinha Tagé)	1999
Jane Austen and the fiction of her time (Mary Waldron)	1999
Jane Austen, volume 1, 1811-1870: the critical heritage (Mr B C Southam; B.C. Southam)	2001
Jane Austen's literary manuscripts : a study of the novelist's development through the surviving (B. C. Southam)	2001
Jane Austen and the clergy (Irene Collins)	2002
Eavesdropping in the novel from Austen to Proust (Ann Elizabeth Gaylin)	2002
Jane Austen and religion: salvation and society in Georgian England (Michael Giffin)	2002
Literature and cinema: images of femininity in Pride and Prejudice (Sandra Guardini Teixeira Vanconcelos)	2002
Jane Austen, adaptação e ironia: uma introdução (Genilda Azevêdo)	2003
Feminism in literature: a Gale critical companion (Jessica Bomarito)	2005
A Leitura e os leitores de Jane Austen (Renata Cristina Colasante)	2006
Jane Austen in Switzerland: a study of the early French translations (Valérie Cossy)	2006
The reception of Jane Austen in Europe (Brian Southam; Anthony Mandal)	2007
Jane Austen on the screen: a study of irony in Emma (Genilda Azevêdo)	2009
Mirrors to one another: emotion and value in Jane Austen and David Hume (E. M. Dadlez)	2009
Jane Austen in context (Janet Todd)	2010
Para celebraR Jane Austen (Genilda Azevêdo)	2013

Acervo digital da Universidade de Oxford - Bodleian Library

TÍTULO / AUTOR	ANO
Jane Austen - A Biography (Elizabeth Jenkins)	1938
My aunt Jane Austen : a memoir (Caroline Austen)	1952
Jane Austen (Sylvia Townsend Warner)	1964
Jane Austen (Marghanita Laski)	1969
Collected reports of the Jane Austen Society 1976-1985 (Jane Austen Society)	1989
Jane Austen (Graham Handley)	1992
Jane Austen and Steventon ; Jane Austen and Bath (Emma Austen-Leigh)	1995

Godmersham Park, Kent before, during and since Jane Austen's day (Nigel Nicolson)	1996
Jane Austen in style (Susan Watkins)	1996
Jane Austen (Victor Lucas)	1996
The poetry of Jane Austen and the Austen family (David Selwyn)	1997
Collected reports of the Jane Austen Society 1986-1995 (Jane Austen Society)	1997
Jane Austen (Helen Lefroy)	1997
Jane Austen (Nicola Barber)	1998
Jane Austen (Deirdre Le Faye)	2000
Fanny Knight's diaries : Jane Austen through her niece's eyes (Deirdre Le Faye)	2000
Jane Austen's family and Tonbridge (Margaret Wilson)	2001
The talk in Jane Austen (Bruce Stovel: Lynn Weinlos Gregg)	2002
Jane Austen in Bath (Jean Freeman)	2002
Jane Austen and Lyme Regis (Maggie Lane)	2003
Jane Austen : a family record (Deirdre Le Faye)	2004
Jane Austen's Steventon (Deirdre Le Faye)	2007
Collected reports of the Jane Austen Society, 2001-2005 (Jane Austen Society)	2008
Jane Austen - Brief Lives (Fiona J. Stafford)	2008

Acervo digital da Universidade de Cambridge - Cambridge University Library

TÍTULO / AUTOR	ANO
Jane Austen (Norman Sherry)	1966
Jane Austen : bicentenary essays (edited by John Halperin)	1975
Jane Austen (Douglas Bush)	1975
Jane Austen : a character study (Margaret Llewelyn)	1977
Jane Austen (Valerie Grosvenor Myer)	1980
Jane Austen (Tony Tanner)	1986
Jane Austen : her life (Park Honan)	1987
Jane Austen : women, politics and the novel (Claudia L. Johnson)	1988
Jane Austen : a family record (William Austen-Leigh)	1989
Jane Austen : Emma and Persuasion (Roger Gard)	1989
Jane Austen : a literary life (Jan Fergus)	1991
Jane Austen : real and imagined worlds (Oliver MacDonagh)	1991
Jane Austen : a life (David Nokes)	1997
Jane Austen : a life (Claire Tomalin)	1997
Jane Austen : critical assessments (edited by Ian Littlewood)	1998
Jane Austen : poems and favourite poems (selected and edited by Douglas Brooks-Davies)	1998
Jane Austen : the parson's daughter (Irene Collins)	1998
Jane Austen : a celebration (edited by Maggie Lane and David Selwyn)	2000
Jane Austen (Carol Shields)	2001
Jane Austen : a companion (Josephine Ross)	2002
Jane Austen: the world of her novels (Deirdre Le Faye)	2002

Acervo digital da Universidade de Coimbra

TÍTULO / AUTOR	ANO
Jane Austen and her art (Mary Lascelles)	1941
Talking of Jane Austen (Sheila Kaye-Smith; Gladys Bronwyn Stern)	1943
A ironia e a caricatura nos romances de Jane Austen (Margarida Madalena Macedo Costa)	1944
Jane Austen 1775-1817 (Sylvia Townsend Warner; National Book League)	1951
Letters, 1796-1817 (Jane Austen; Cassandra Austen; Robert Willian Chapman)	1955
A ironia e o humor nos romances de Jane Austen (Ana Maria Almeida Amaral)	1957
Jane Austen's novels : a study in structure (Andrew Wright)	1962
Jane Austen and her world (Ivor John Carnegie Brown)	1966
The truth-tellers : Jane Austen, George Eliot, D.H. Lawrence (Laurence Lerner)	1967
Jane Austen and her predecessors (Frank W. Bradbrook)	1967
Critical essays on Jane Austen (B. C. Southam)	1968
Emma : a casebook (Jane Austen; David Lodge)	1968
The works of Jane Austen (Jane Austen; Robert Willian Chapman)	1975
Plots and characters in the fiction of Jane Austen, the Brontës, and George Eliot (John Halperin; Janet Kunert)	1976
Jane Austen : woman and writer (Joan Rees)	1976
The ladies and the mummies : Jane Austen and Jean Rhys (Selma James)	1983
The rise of the romantics, 1789-1815 : Wordsworth, Coleridge and Jane Austen (William Lindsay Renwick)	1990
Jane Austen : Emma : a casebook (David Lodge)	1991
The Sense and sensibility screenplay & diaries : bringing Jane Austen's novel to film (Emma Thompson; Clive Coote; Lindsay Doran)	1995
Jane Austen the novelist : essays past and present (Juliet McMaster)	1996
Jane Austen's business : her world and her profession (Juliet McMaster; Bruce Stovel)	1996
Emma : an authoritative text backgrounds reviews and criticism (Jane Austen; Stephen M. Parrish)	2000
El club de lectura Jane Austen (Karen Joy Fowler; Concha Cardeñoso Sáenz de Miera)	2005

Acervo digital da Universidade de Florença

TÍTULO / AUTOR	ANO
Jane Austen and her art (Mary Lascelles)	1948
Jane Austen : irony as defense and discovery (Marvin Mudrick)	1952
The improvement of the estate : a study of Jane Austens novels (Alistar M. Duckworth)	1971
Linee classiche della narrativa di Jane Austen (Giorgio Spina)	1975
Jane Austen and the war of ideas (Marilyn Butler)	1975
Reader, I married him : a study of the women characters of Jane Austen, Charlotte Bronte, Elizabeth Gaskell and George Eliot (Patricia Beer)	1980

Mr. Collins considered : approaches to Jane Austen (Ivor Morris)	1987
LinkRomance, language and education in Jane Austens novels (Laura G. Mooneyham)	1988
LinkJane Austen and representations of regency England (Roger Sales)	1994
Jane Austen and narrative authority (Tara Ghoshal Wallace)	1985
Jane Austen and discourses of feminism (Devoney Looser)	1985
An annotated bibliography of Jane Austen studies, 1984-1994 (Barry Roth)	1996
Jane Austen and the fiction of her time (Mary Waldron)	2001
Jane Austen : oggi e ieri (Beatrice Battaglia)	2002
Jane Austen and the morality of conversation (Bharat Tandon)	2003
Jane Austen and the Enlightenment (Peter Knox-Shaw)	2004
Jane Austen, or The secret of style (D. A. Miller)	2005
LinkJane Austen in context (Janet Todd)	2007
The reception of Jane Austen in Europe (Anthony Mandal; Brian Southam)	2007
LinkLiterature and dance in nineteenth-century Britain : Jane Austen to the New Woman (Cheryl A. Wilson)	2009
Jane Austen's narrative techniques : a stylistic and pragmatic analysis (Massimiliano Morini)	2009
A companion to Jane Austen (Claudia L. Johnson; Clara Tuite)	2009
Mirrors to one another : emotion and value in Jane Austen and David Hume (E.M. Dadlez)	2009

ANEXO II – Grupo de Pesquisa



Grupo de Pesquisa Comunica - inscrições linguísticas na comunicação



Identificação

Recursos Humanos

Linhas de Pesquisa

Indicadores do Grupo

Identificação

Dados básicos

Nome do grupo: Comunica - inscrições linguísticas na comunicação

Status do grupo: **certificado pela instituição**

Ano de formação: 2012

Data da última atualização: 24/08/2014 20:38

Lider(es) do grupo: Luciana Salazar Salgado - 

Luiz André Neves de Brito - 

Área predominante: Linguística, Letras e Artes; Linguística

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Órgão: Centro de Educação e Ciências Humanas

Unidade: Departamento de Letras

Endereço

Logradouro: Via Washington Luís, Km. 235

Bairro: Morfinho

Cidade: São Carlos

Telefone: 35066511

CEP: 13565905

UF: SP

Fax:

Home page: grupodestudos.comunica@blogspot.com

Repercussões dos trabalhos do grupo

Fórum permanente sobre objetos discursivos característicos do período que vivemos, trata sobretudo dos fluxos de texto na sua relação com a atual divisão do trabalho intelectual. Interessam fundamentalmente os processos de criação, de edição e as mediações constitutivas. Cadastrado desde 2012 no diretório do CNPq, mantém uma perspectiva discursiva ao voltar-se para as inscrições linguísticas na comunicação, o que implica estudar as materialidades da cultura. Assim, o grupo tem consolidado seus trabalhos em torno de reflexões sobre: (i) as diversas escritas profissionais e seus processos de edição, visando compreender a autoria e a leitura como lugares discursivos correlatos e implicados em mediações variadas, considerando a cibercultura. Em contexto educacional, explora não só a produção e a circulação das escritas docente e discente, como também aspectos de sua recepção; (ii) as materialidades do discurso literário, visando estudar a produção, a circulação e as transmissões de textos literários, considerando sua inscrição material à luz de noções como ethos discursivo, fórmulas e estereótipos, processos de publicação e categorias analíticas decorrentes.

Recursos humanos

Pesquisadores

[Luciana Salazar Salgado](#)

[Luiz André Neves de Brito](#)

[Mirenia Franco Escary](#)

Total: 3

Estudantes

[Amanda Aparecida Chierotti](#)

[Amanda Guimarães](#)

[Daniela Martins Fernandes](#)

[Letícia Moreira Soares](#)

[Lorena Colódi Torres](#)

[Luciana Ruyoni Sousa](#)

Total: 12

ANEXO III – Certificado Aled

V Colóquio da ALED

CERTIFICADO

Certificamos que **Amanda Aparecida Chieregatti** participou V Colóquio da ALED – *Análise do Discurso: novos canteiros de trabalho?*, realizado em 29, 30 e 31 de Maio de 2014, na Universidade Federal de São Carlos-SP, com carga horária de 30 horas/aula, e apresentou o painel intitulado “LEITURAS DA PARATOPIA CRIADORA DE JANE AUSTEN”.

São Carlos, 31 de Maio de 2014.

Roberto Leiser Baronas

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Coordenador Geral do V Colóquio da ALED Brasil



ANEXO IV – Certificado Gel



CERTIFICADO

Certificamos que AMANDA APARECIDA CHIEREGATTI participou do 61º. Seminário do GEL, realizado na Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em São Paulo (SP), nos dias 10, 11 e 12 de julho de 2013, com apresentação do trabalho abaixo discriminado, em Painel.

Autor(es): AMANDA APARECIDA CHIEREGATTI

Título do trabalho: A paratopia criadora de Jane Austin: uma autora feminista?

Carga horária total do evento: 20 horas

São Paulo (SP), 13 de Julho de 2014.

Leda Maria Alves

Leda Maria Alves

Presidente do gel